

Pensar a formação como um ato epistêmico-político é um desafio que tem gerado reflexões diversas sobre dimensões de pesquisa-formação e suas articulações com a pesquisa (auto)biográfica, assim como das condições de trabalho docente, notadamente no contexto da pandemia. O último volume da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (RBPAB)* se dedica às questões de ensino e de formação, voltando-se para deslocamentos e práticas insubordinadas de pensar e fazer a profissão no seu cotidiano e frente aos desafios que se colocam no e para o exercício da profissão e da própria formação.

A Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph) tem investido, através das diferentes edições do Congresso Brasileiro de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA) em discussões fecundas sobre memórias, narrativas, histórias e práticas de formação, como um dos eixos temáticos que tem mais recebido trabalhos e socialização de pesquisas e de experiências de formação. Não obstante, centrar a formação no sujeito aprendente e em sua formação é, sem dúvidas, um dos desafios que se coloca para deslocamentos outros e de epistemologias insubordinadas e insurgentes que tomam as narrativas e a (auto)biografia como dimensão de pesquisa-formação experiencial, através dos modos como cada um vive e narra sua própria história de vida, de formação e da profissão.

É nesse contexto que emerge a organização do Dossiê *Ofício de ensinar, experiência escolar e narrativas de si*, coordenador por Daniel Suarez (Universidade de Buenos Aires) e Luis Porta (Universidade Nacional de Mar del Plata), constituído de dez textos que problematizam questões de ensino e de formação em diálogo com rupturas metodológicas, teóricas

e epistemológica do giro narrativo e (auto)biográfico no cenário da formação e da área de Educação. As discussões pautadas no dossiê mobilizam reflexões sobre narrativas e experiências escolares e de formação, biografemas e icidentes, atividades impressas e saberes docente, além de diversidades de apropriações conceituais das narrativas (auto)biográficas e suas implicações como dispositivos de pesquisa-formação nos processos iniciais e continuados de formação e de inserção profissional.

A seção “Artigos” é composta por dez textos que tematizam e socializam discussões sobre narrativas autobiográficas e de mulheres contidas do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), memórias e narrativas de crianças desvalidadas, além de narrativas históricas e memórias de Jacintha Clotildes, Alfredina de Paiva e Souza, na condição de mulheres negras e também análise da história de vida de Dom José Maria Pires e seu projeto eclesialístico. Outra temática que é socializada na seção diz respeito às discussões sobre experiências docente na pandemia e desafios que se colocam para o exercício da docência como prática de resistência, de esperança e de modos outros de viver a docência na contemporaneidade.

A seção inicia com o texto *Professoras “subversivas”: narrativas autobiográficas de mulheres militantes no relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV)*, de Pâmela Tainá Wink da Luz, Diego Orgel Dal Bosco Almeida e Éder da Silva Silveira, com divulgação de resultados de uma pesquisa sobre as experiências de professoras que integraram grupos clandestinos de resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985). O texto analisa relatos e depoimentos dessas professoras, contados no Relatório da CNV, os quais se configuram como narrativas autobiográficas de memória e experiência, ex-

plicitando marcas de acusações de “subversão” atribuídas às docentes, na condição de mulheres “desviantes” da ordem social e política vigentes, mas também da não subserviência à condição feminina. O artigo avança na discussão histórica e relaciona questões do contexto da ditadura militar com o atual momento vivido na sociedade brasileira, através de ataques, perseguição política e ideológica no contexto educacional.

O artigo *O nome impede a morte: trajetórias de vidas de meninos desvalidos*, de Maria Zélia Maia de Souza, busca analisar, no contexto do século XIX, os debates acerca da proteção às crianças desvalidas do sexo masculino, da concepção pedagógica de ensino primário profissional do Asilo de Meninos Desvalidos (1875-1894) e das trajetórias de vida de meninos internos daquela instituição asilar/escolar. Destaca-se o trabalho com as fontes e cruzamentos de dimensões históricas e biográficas no campo da História da Educação.

O texto *Dom José Maria Pires: um projeto eclesialístico, uma história de vida (1966-1985)*, de autoria de Maria Elizete Guimarães Carvalho e Maria das Graças da Cruz Barbosa, problematiza a trajetória episcopal de Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, a partir de cartas pastorais, discursos e homilias, entre outras fontes, como memórias individuais e/ou coletivas, estudos e escrituras sobre ele produzidos. A análise de aspectos da história de vida de Dom José Maria Pires ancora-se em princípios teóricos da nova história cultural e da hermenêutica articulando discussões sobre biografia, história e memória.

O artigo de Petrônio Domingues e Hiago Feitosa da Silva, intitulado *Jacintha Clotildes: de escravizada à “Sinhá Preta”*, socializa aspectos da trajetória de Jacintha Clotildes do Amor Divino, situando marcas de sua liberdade em Sergipe da primeira metade do século XIX, seu casamento, a morte do marido e sua

atuação na condição de administradora de um engenho e proprietária de escravizados. A partir daí, o artigo problematiza como essa liberdade vem sendo celebrada nos domínios da memória por parte de militantes políticos e setores dos movimentos sociais de Sergipe, os quais a elevaram ao patamar de primeira heroína negra na história do estado.

O trabalho de Cicera Nunes intitula-se *Narrativas de mulheres negras: cultura de base africana e educação no cariri cearense* e centra-se em questões relacionadas ao papel das mulheres negras como transmissoras de práticas culturais de matriz africana no Cariri cearense. Discussões teórico-metodológicas ancoradas em noções conceituais da abordagem (auto) biográfica e suas relações com a memória e a oralidade são articuladas no texto e socializadas através de entrevistas narrativas realizadas com duas mulheres negras produtoras de cultura no Cariri cearense, Maria Juraci dos Santos Silva, Dona Iraci, da comunidade Chico Gomes, em Crato, no Ceará; e Maria Josefa da Conceição, Dona Maria de Tiê, da comunidade quilombola de Souza, em Porteiras, no Ceará.

Em *Trajetória e contribuições de Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999) na educação brasileira*, Rafaela Silva Rabelo e Denis Herbert de Almeida objetivam analisar indícios da trajetória da professora Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999), através de suas contribuições e suas redes de relação, a partir da atuação na educação matemática no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) e pelo seu pioneirismo na teleeducação. O trabalho com as fontes, notadamente os periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira e consulta as revistas pedagógicas, registros cartórios e manuais pedagógicos disponíveis em diferentes acervos demarcam indícios dos deslocamentos, redes de sociabilidade, suas vinculações institucionais e atuação em diferentes áreas.

O texto *Entrelaçando histórias de vida e o sentimento de pertencimento: reflexões de uma coordenadora pedagógica sobre as ações da gestão escolar*, escrito por Felipe Costa da Silva e Débora Ortiz de Leão busca compreender como a coordenação pedagógica oportuniza a formação continuada a partir de sua história de vida e pertencimento à escola. Noções da pesquisa narrativa possibilitam análises relacionadas à trajetória profissional, ao conhecimento, à formação e ao processo formativo no cotidiano da escola.

Os dois últimos textos da seção problematizam questões sobre experiências docentes no contexto da pandemia. O artigo de Vitória da Silva Bemvenuto e Adriane Ogêda Guedes, *Insistir em frestas na pandemia: esperar na presença ante o afastamento*, volta-se para a partilha de ações como professoras-pesquisadoras do projeto “Habitar-se” e de experiências de viver a pandemia da covid-19, indicando pistas e frestas da docência na pandemia. Esperançar outros modos de viver e de resistir, com sensibilidades, trocas afetivas, diante da crise sanitária e política, pode ser lido como formas de pensar docência-vida-pesquisa ancoradas em atos de resistências e reinvenções diante do contexto atual e de suas crises. Encerra a seção o texto *Narrativas sobre a docência no contexto da pandemia: experiências de resistência e esperança*, de autoria de Ana Paula Santos Lima Lanter Lobo, Joelma da Conceição da Silva Henrique e Souza, Adriana Pires de Arezzo, Verônica Fabiola Neves Rodrigues, Penha Mabel Farias do Nascimento e Andreia Viana da Silva Diniz, quando apresentam tessituras de narrativas de professoras no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, em um esforço individual e coletivo de dar sentido ao vi-

vido, trazendo diferentes experiências de vida e formação em situações diversas da docência. A escrita narrativa é mobilizada como dispositivo que se articula com espaços-lugares e como impactam nas aprendizagens, ideias, crenças e percepções da prática docente no cenário pandêmico. As narrativas, redes e parcerias entre docentes, configuram-se como processos formativos e práticas de resistência e de produção de novas experiências para a profissão.

O último número da *RBPAB* inscreve-se num movimento de ampliação de diálogos e redes de pesquisa que tem se dedicado ao campo da pesquisa (auto)biográfica e de suas contribuições para se repensar a vida, seus sentidos e desafios diante do cenário contemporâneo. Os textos publicados no dossiê e na seção “Artigos” entrelaçam perspectivas epistêmico-políticas da pesquisa (auto)biográficas e dos modos diversos como narramos a formação, a docência e a própria vida.

Sigamos narrando a vida como forma de resistência e de outras e diversas existências, buscando indícios, rastreando pistas e entrevendo frestas nas memórias e histórias de atores sociais apagados e silenciados historicamente e de práticas docentes também invisibilizadas no atual contexto e de crises que assolam a sociedade brasileira. Oxalá consigamos, com força e bravura, restaurar a jovem democracia do país e vislumbrar um presente-futuro inclusivo, diverso, crítico e enraizado em nossa cultura e modo de viver-narrar.

Massarandupió, verão de 2021

Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia